



## **Estudo realizado com búfalos africanos levanta preocupações significativas sobre o efeito de alguns tratamentos sanitários em nível populacional.**

Um estudo sobre os efeitos do tratamento com anti-helmínticos em bubalinos em relação a doenças infecciosas em rebanhos selvagens demonstrou resultado inesperado e alarmante - embora propiciando redução de mortes individuais em animais com tuberculose bovina, registou aumento exponencial do potencial de propagação da doença a outros animais.

Estudos laboratoriais realizados na África sugerem a possibilidade de que programas antiparasitários em animais selvagens podem trazer impactos indesejados em relação às populações animais, pois diante uma ampla utilização de tratamentos anti-helmínticos em búfalos selvagens, pode ocorrer aumento de casos de tuberculose, onde animais sem o parasitismo interno, mas com tuberculose, podem viver mais e assim disseminar a doença.

"Este estudo indica que precisamos entender melhor como alguns tratamentos médicos podem afetar outros problemas de saúde, em particular, doenças infecciosas", disse Anna Jolles, epidemiologista da Oregon State University e coautora do estudo, juntamente com Vanessa Ezenwa na Universidade da Geórgia, EUA.

A pesquisa, apoiada pela National Science Foundation, foi realizada no Parque Nacional Kruger, na África do Sul, com mais de 200 búfalos Africanos, divididos em dois lotes, onde um foi tratado com anti-helmíntico e outro mantido como testemunha, sem tratamento.

Sabe-se que infecções por helmintos podem diminuir a resposta imunológica contra algumas doenças infecciosas, neste caso, a tuberculose bovina, muito comum nestes animais. Os pesquisadores esperavam que com a vermifugação salvassem vidas, reduzindo o risco de infecção e progressão da doença.

Foi observado que os tratamentos anti-helmínticos melhoraram a sobrevivência dos animais infectados com TB, no entanto, a desvermifugação não reduziu o risco de novas infecções com a doença, havendo um considerável aumento (oito vezes) no número de búfalos infectados devido ao potencial de propagação da

infecção no rebanho. Um búfalo com tuberculose bovina mais o parasitismo interno, em média, tem potencial para infectar cerca de um búfalo. Este estudo concluiu que após o tratamento anti-helmíntico, um búfalo com esta doença tem o potencial teórico de infectar outros nove búfalos. Esta diferença foi baseada na descoberta de que um búfalo com tuberculose, mas desvermifugado pode sobreviver por anos, ao passo que a expectativa de vida de um búfalo infectado, mas não desvermifugado, teria uma sobrevivência muito mais curta.

Estas questões são de interesse significativo não apenas para os animais, mas também à saúde humana, dizem os pesquisadores.

As infecções por helmintos estão entre as doenças parasitárias mais onipresentes no mundo, infectando um bilhão de indivíduos, causando perdas significativas entre criações de gado e os animais selvagens. Outros estudos têm relacionado doenças infecciosas com o parasitismo interno e o aumento do risco de morte por tuberculose e HIV/AIDS em humanos, em grande parte devido à sua capacidade de reduzir e de distorcer a resposta imune natural para a infecção viral e bacteriana.

Este é um grande problema encontrado nos países em desenvolvimento e programas de desvermifugação nas populações humanas já estão em vigor devido à variedade de problemas sanitários causados pelos parasitas. Acredita-se que os programas de desvermifugação em massa poderiam reduzir mortes globais em áreas onde ocorrem doenças causadas pela malária, tuberculose e infecção pelo HIV.

"Estes resultados são bastante alarmantes", disse Jolles, pesquisadora em ambas as faculdades, OSU College of Science e College of Veterinary Medicine.

"Esperávamos que o tratamento anti-helmíntico fosse sempre de efeito positivo, tanto para os búfalos individualmente como em relação à redução da propagação da doença", disse Jolles. "Mas o que descobrimos foram efeitos positivos para os animais individuais, entretanto, potencialmente perigosos para a disseminação da doença infecciosa a nível populacional."

A partir destes resultados observados em búfalos, Jolles diz **que não se devem tirar conclusões precipitadas sobre mudanças de tratamentos antiparasitários em humanos**. Mas eles levantam questões sobre os amplos programas de desvermifugação utilizados em populações.

"Devemos prestar atenção aos problemas de saúde que podem aumentar como resultado de um programa, bem como os problemas que estamos para resolver", disse ela.

As descobertas também levantam questões sobre aspectos relacionados à pecuária, disse Jolles, especialmente nos países em desenvolvimento. Deve ser avaliada a possibilidade de coincidir programas de desvermifugações com vacinações contra doenças infecciosas e outros tratamentos, para garantir que a saúde geral do rebanho fique protegida.

O potencial para se disseminar uma doença após o seu tratamento, como ocorreu neste caso da desvermifugação dos búfalos, pode variar consideravelmente entre diferentes espécies animais e diferentes doenças infecciosas, diz Jolles.

Mais estudos são necessários para abordar a questão principal levantada por esta pesquisa, disseram os pesquisadores. A nível populacional será que tratamentos anti-helmínticos de grandes proporções irão beneficiar ou agravar os impactos sobre outras infecções, às vezes mortais?

*Obs. Os resultados, a partir de um dos primeiros estudos de campo já realizado sobre este assunto serão publicados na revista Science.*

Tradução: Ivo Kohek Jr. (Fiscal Estadual Agropecuário da DSA/DDA/ SEAPA)

### **Referência Bibliografica**

- **Deworming Programs In Animal, Human Populations May Have Unwanted Impacts.**

Disponível em <http://www.eurasiareview.com/10012015-deworming-programs-animal-human-populations-may-unwanted-impacts/>. Acessado em 10/01/2015

*- O Informativo Técnico do DDA veicula artigos dos técnicos científicos do DDA, tanto do nível central como regional e Inspetorias. Pode ser de autoria própria ou compilado.*

*O artigo deve vir acompanhado de bibliografia e deve ter tamanho máximo de 3.500 caracteres (sem espaços). Tabelas são consideradas como caracteres e vamos limitar a duas fotografias por artigo. Em casos de artigos curtos, porém ricos em fotografias, será aceito um numero maior destas, sempre com legendas.*

*Os artigos podem ser enviados eletronicamente para [ivo-kohek@agricultura.rs.gov.br](mailto:ivo-kohek@agricultura.rs.gov.br), onde um grupo de revisores do nível central fará a avaliação, edição e dará a formatação final. Os artigos serão veiculados conforme a ordem de chegada.*

*Artigos anteriores podem ser encontrados em: [http://www.dda.agricultura.rs.gov.br/lista/902/Informativos\\_T%C3%A9cnicos\\_DDA](http://www.dda.agricultura.rs.gov.br/lista/902/Informativos_T%C3%A9cnicos_DDA)*